

VIII ENCONTRO DO INSTITUTO ADOLFO LUTZ

PREVALÊNCIA DA HEPATITE A EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES MATRICULADOS EM CRECHES E ESCOLAS DO ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL NA CIDADE DE SANTOS, SÃO PAULO

Moreira RC¹; Ciaccia MCC²; Saraceni CP¹; Spina AMM¹, Oba IT¹, Lemos MF¹, Ribeiro J¹, Lovatti F¹, Santos APT¹, Porta G²

Instituto Adolfo Lutz, Laboratório de Hepatites do Serviço de Virologia, São Paulo, SP¹;
Instituto da Criança – HC/ FMUSP, São Paulo, SP² – e-mail: obaisabel@gmail.com

Crianças e adolescentes merecem atenção especial no controle da hepatite A, pois são populações altamente expostas para essa infecção durante a infância, o que leva a alta prevalência já nos primeiros anos de vida. O Ministério da Saúde estima que pelo menos 70% da população no Brasil já tiveram contato com o vírus da hepatite A. A transmissão do vírus Hepatite A (HAV) é por via fecal-oral, sendo assim, o saneamento básico é fundamental para o controle dessa infecção. O objetivo desse estudo foi avaliar a prevalência dos anticorpos anti-HVA IgM e IgG, surpreendendo os casos de infecção aguda sub clínica pelo vírus A, em crianças e adolescentes do Município de Santos, São Paulo. A casuística foi composta por 4677 crianças e adolescentes, matriculadas em creches, escolas do ensino infantil e fundamental da rede municipal na cidade de Santos. Amostras de sangue foram colhidas de polpa digital em papel de filtro e a pesquisa dos marcadores sorológicos foi realizada utilizando-se kits comerciais pelo método do ELISA. A prevalência geral da infecção pelo HAV foi de 11,7%. A prevalência do HAV nas creches estudadas foi de 4,4%; nas escolas de ensino infantil foi de 6,1% enquanto que nas escolas de ensino fundamental a prevalência foi de 16,6%. Considerando apenas os resultados para o anti-HAV IgM, observamos a ocorrência de 4,2% casos novos durante o período de estudo. Nesse estudo, foi observada baixa prevalência da hepatite A na população estudada, especialmente em crianças menores de 1 ano. A queda da prevalência da Hepatite A é uma tendência em todo mundo, o CDC demonstra essa queda em estudos realizados desde 1980 e, em nosso país essa queda também é observada, tendo em vista a melhora nas condições de higiene e saneamento básico da população.

Suporte Financeiro: FAPESP - 06/59972-8